

A recordação de Torre di Venere permanece envolta numa atmosfera desagradável. Desde o primeiro momento que pesavam no ar contrariedade, irritação e uma tensão desmesurada; e, para terminar, veio ainda o choque provocado por aquele medonho Cipolla, aquele ser que parecia encarnar na sua pessoa a singular malignidade do ambiente, concentrando-a em si, ameaçadora, impressionante, e fatal, e bem humana de resto. O facto de as crianças terem estado presentes naquele final tenebroso (um final que, como nos pareceu posteriormente, se anunciava na essência das coisas) foi por si só uma lamentável impertinência assente num equívoco, por culpa dos embustes e fantasmagorias provocadas por aquela estranha criatura. Graças a Deus que as crianças não compreenderam onde acabava a comédia e começava a catástrofe, e deixámos que permanecessem na ilusão feliz de que tudo não passara de teatro.

Torre fica a uns quinze quilómetros de Portoclemente, uma das estâncias balneares mais apreciadas do mar Tirreno; urbana e elegante, apinhada de gente durante vários meses, tem uma rua animada, cheia de hotéis e bazares, que se estende até ao mar, com um vasto areal povoado de toldos, de castelos engalanados com bandeiras e de gente morena, onde reina um movimento ruidoso de diversão. Dado

que a praia, bordejada por bosques de pinheiros, e dominada a pouca distância pelas montanhas, acompanha toda a costa com a sua areia fina e espaço amplo e acolhedor, não é de espantar que um pouco adiante se tenha instalado rapidamente uma concorrência mais calma: Torre di Venere, onde, aliás, há muito se procura em vão a torre a que a localidade deve o nome, é uma zona turística que serve de apoio à grande estância balnear vizinha e que, durante vários anos, foi um lugar idílico para poucos e refúgio para espíritos menos mundanos. Mas, como costuma acontecer com tais lugares, a tranquilidade teve de se deslocar um pouco mais para diante, ao longo da costa, para Marina Petriera e sabe Deus mais para onde; é um facto conhecido que as pessoas procuram a tranquilidade e a desbaratam ao lançar-se sobre ela numa ânsia ridícula, pensando que se podem unir a ela lá onde ela está e aí ficar; na verdade, só quando montam uma feira onde havia tranquilidade passam a acreditar que ela ainda lá existe. Daí que Torre, embora seja bastante mais pacata e modesta do que Portoclemente, se tenha tornado um local cada vez mais concorrido por italianos e forasteiros. Já não está na moda ir para a grande estância balnear, embora isso aconteça porque Portoclemente continua, apesar de tudo, a ter as reservas esgotadas e a ser um lugar estrepitoso; vai-se para a praia ao lado, em Torre, que afinal até é mais chique e, por outro lado, mais barata, continuando a notar-se estas qualidades sedutoras, embora as qualidades em si já há muito tenham deixado de existir. Torre passou a ter um Grand Hôtel; apareceram muitas pensões, umas mais sofisticadas, outras mais simples. Os proprietários e hóspedes das casas de veraneio e dos bosques de pinheiros sobranceiros ao mar deixaram de estar sossegados na praia; em julho e agosto, o panorama não se distingue em nada do de Portoclemente: a praia fica enxameada de banhistas que gritam, discutem e se divertem ruidosamente, enquanto um sol de uma inclemência furiosa lhes descasca a pele do pes-

çoço. Barcos de fundo raso, pintados de cores garridas, baloçam sobre um azul resplandecente, tripulados por crianças com nomes sonoros gritados pela mães, vigilantes, enchendo o ar de uma inquietação rouca, acentuada por vendedores de ostras, bebidas, flores, adornos de coral e *cornetti al burro*, que passam por cima dos membros das pessoas estendidas no areal e apregoam a mercadoria com a sua voz meridional, franca e encorpada.

Foi com este cenário que nos deparamos em Torre quando chegámos — bastante simpático, mas ficámos com a sensação de ter chegado cedo de mais. Estava-se em meados de agosto, a época balnear italiana estava ainda no auge; não é a melhor altura para um forasteiro aprender a apreciar devidamente os atrativos do lugar. Que confusão, de tarde, nas esplanadas da avenida marginal, por exemplo no Esquisito, um café onde às vezes nos sentávamos e onde éramos atendidos por Mario, o mesmo Mario de quem falarei adiante! É quase impossível encontrar uma mesa livre e as orquestras ignoram-se mutuamente, interrompendo-se umas às outras sem critério. É sobretudo de tarde que se verifica, todos os dias, uma grande afluência de Portoclemente, por Torre ser, naturalmente, um local de passeio apreciado pelos veraneantes irrequietos daquela estância e, graças ao trânsito dos *Fiat* que zunem de um lado para o outro, os arbustos de loureiro e oleandro, na orla da estrada que liga as duas localidades, ficam cobertos de uma poeira branca e espessa que mais parece neve — um cenário curioso, mas repugnante.

Decididamente, o melhor é ir para Torre di Venere em setembro, quando a praia se esvazia da grande quantidade de banhistas, ou em maio, antes de a temperatura da água do mar ter atingido aquele ponto em que se torna sedutora para os meridionais darem um mergulho. Mesmo antes ou depois da época alta, Torre não fica vazia, o ambiente é mais moderado e menos nacional. O inglês, o alemão e o francês predominam por debaixo da lona dos toldos e nos restauran-

tes das pensões, ao passo que em agosto, pelo menos no Grand Hôtel, onde nos hospedámos por falta de outros endereços recomendados, o forasteiro fica de tal forma rodeado pela sociedade florentina e romana que chega a sentir-se isolado e, por momentos, como um hóspede de segunda.

Foi a experiência que tivemos, para nosso desagrado, na noite da nossa chegada, quando entrámos na sala de jantar, onde nos deixámos conduzir a uma mesa pelo empregado de serviço. Nada havia a apontar a essa mesa, mas seduzia-nos o panorama da varanda envidraçada voltada para o mar, que estava ocupada, tal como a sala, mas não totalmente cheia, e cujas mesinhas estavam iluminadas por candeeiros com quebra-luzes vermelhos. Os pequenos mostraram-se encantados com aquele ambiente festivo e anunciámos a decisão de tomar as nossas refeições na varanda — uma expressão de ignorância, como se veio a demonstrar, porque nos foi comunicado, com uma cortesia um tanto envergonhada, que aquele lugar estava reservado «à nossa clientela», «*ai nostri clienti*». À nossa clientela? E nós, o que éramos? Não estávamos ali de passagem ou por um dia ou dois; seríamos hóspedes da casa durante três ou quatro semanas. Não insistimos na explicação mais pormenorizada da diferença entre pessoas como nós e a tal clientela que podia jantar à luz dos pequenos candeeiros de luz vermelha e tomámos o *pranzo* na mesa da sala de jantar, de iluminação comum e prosaica — uma refeição bastante mediana, de resto, num esquema de hotel encaracterístico e insípido; em contrapartida, achámos a cozinha da Pensione Eleonora, a dez passos de distância, na direção oposta à da praia, muito melhor.

Foi para lá que nos mudámos, antes mesmo de aquecer o lugar no Grand Hôtel, ao fim de três ou quatro dias — não por causa da varanda envidraçada e dos seus candeeirinhos. As crianças tinham travado de imediato amizade com empregados e camareiros, e, tomadas pela ânsia do mar, depressa tiraram o sentido daquela atração colorida. Mas com certos

clientes da varanda, ou, mais precisamente, com a gerência do hotel que os tratava com privilégios, surgiu desde logo um daqueles conflitos que podem deixar nas férias, desde o início, o ressaibo de uma experiência desagradável. Havia, entre os clientes, um representante da alta nobreza romana, um Príncipe X., acompanhado da família, e, como os quartos de suas altezas se encontravam nas imediações dos nossos, a princesa, grande dama e, ao mesmo tempo, mãe extremosa, entrou em pânico com os escassos vestígios de uma tosse convulsa que os nossos pequenos tinham ultrapassado em conjunto uns dias antes e cujos ecos débeis interrompiam ainda, por vezes, durante a noite, o sono, de resto imperturbável, do nosso filho mais novo. A natureza desta doença é pouco conhecida, dando algum lugar à superstição, e por isso nunca levámos a mal à nossa elegante vizinha que se associasse à opinião comumente aceite de que a tosse convulsa poderia propagar-se por via acústica, e que receasse simplesmente que o mau exemplo pudesse afetar os seus filhos. Em plena posse da confiança feminina conferida pelo seu estatuto, apresentou queixa à direção do hotel, e esta, na pessoa do conhecido gerente de sobrecasaca, apressou-se a comunicar-nos que, com muita pena sua, e dadas as circunstâncias, a nossa mudança para uma dependência contígua ao hotel se tornava uma necessidade incontornável. Por muito que reiterássemos que a doença das nossas crianças estava nos últimos estádios, ela podia considerar-se ultrapassada e não representava qualquer tipo de risco para os demais. O que nos concederam foi a possibilidade de submeter o caso a um parecer clínico e ofereceram-se para chamar o médico da casa — este e não outro, chamado por nós — para chegar a uma conclusão. Concordámos com esta solução, convictos de que desse modo a princesa ficaria tranquila, evitando-se assim para nós o incómodo de uma mudança. O médico chega e revela ser um servo leal e honesto da ciência. Examina o pequeno, declara a doença extinta e nega qualquer espécie